SEGURANÇA E PERTENCIMENTO: A FORMAÇÃO DE VÍNCULOS NA ESCOLA DA INFÂNCIA

MARIA MADALENA IOVONOVICH

RESUMO
O presente estudo analisou a centralidade do vínculo na Educação Infantil como base para a segurança emocional, a autonomia e o protagonismo das crianças. Partindo da compreensão de que o ingresso na escola representa uma ruptura significativa na vida do bebê ou da criança pequena, buscou-se refletir sobre como a confiança é construída nas primeiras interações com o ambiente escolar e com os educadores. O trabalho apresentou três eixos fundamentais: o vínculo como pilar da segurança emocional, a previsibilidade como sustentação da confiança e a autonomia articulada à exploração segura do espaço, revelando que esses elementos se entrelaçam para favorecer o desenvolvimento integral da criança. A pesquisa destacou ainda que, para os professores ingressantes na Educação Infantil, compreender a importância do vínculo significa reconhecer que a aprendizagem significativa depende do acolhimento, da empatia e da intencionalidade pedagógica voltada ao cuidado. Para a comunidade escolar, a investigação evidencia a relevância da corresponsabilidade entre famílias, educadores e gestores, fortalecendo a parceria que assegura à criança a experiência de pertencimento e estabilidade. Conclui-se que a construção de vínculos, associada à previsibilidade das rotinas, promove a segurança necessária para que a criança explore, aprenda e conviva, exercendo de forma plena seu protagonismo na infância.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; vínculo; segurança emocional; autonomia; protagonismo infantil.

INTRODUÇÃO

ingresso do bebê e da criança pequena na escola da infância representa um dos momentos mais significativos e delicados de sua trajetória formativa. Trata-se, muitas vezes, do primeiro afastamento prolongado do ambiente familiar e da primeira inserção em um espaço coletivo de convivência. Essa transição, marcada por sentimentos de estranhamento, insegurança e expectativa, exige da instituição educativa não apenas a oferta de cuidados básicos, mas também a criação de condições para que a criança se sinta pertencente, protegida e confiante.

Nesse cenário, a formação de vínculos afetivos entre crianças, educadores e colegas emerge como elemento central para a construção da segurança emocional. Conforme apontam Bowlby (1989) e Cassidy (1999), o apego constitui uma necessidade humana fundamental, pois confere ao indivíduo a base para explorar o mundo de forma mais livre e autônoma. Quando o bebê percebe que encontra no educador uma figura previsível, estável e sensível às suas necessidades, desenvolve confiança, diminui sua ansiedade e encontra sustentação para investir cognitivamente nas experiências oferecidas pelo ambiente escolar.

No entanto, a questão que orienta este estudo é: como a formação de vínculos pode contribuir para a construção de segurança e pertencimento na Educação Infantil, favorecendo o protagonismo da criança em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento?

A partir dessa pergunta, delineia-se o objetivo geral deste trabalho: analisar o papel da segurança emocional e do pertencimento, construídos por meio de vínculos afetivos e rotinas previsíveis, na formação integral da criança na escola da infância. Como objetivos específicos, busca-se:

Discutir a relevância da afetividade e da previsibilidade como eixos estruturantes do processo educativo na Educação Infantil;

Investigar como a autonomia e a exploração segura emergem a partir da confiança estabelecida entre crianças e educadores;

Refletir sobre práticas pedagógicas que promovam segurança, pertencimento e protagonismo infantil no cotidiano escolar.

A relevância deste estudo se justifica por sua contribuição direta tanto para professores ingressantes na Educação Infantil quanto para a comunidade escolar em geral. Para os profissionais em início de carreira, compreender que a formação de vínculos não é ape-

nas um aspecto emocional, mas também pedagógico, pode oferecer subsídios práticos e teóricos para planejar ações que acolham as crianças em sua singularidade. O educador iniciante, ao compreender a importância da previsibilidade, da escuta sensível e da atenção individualizada, pode construir desde cedo uma prática docente mais consciente, empática e humanizadora.

Já para a comunidade escolar, este estudo amplia a compreensão sobre o papel da escola da infância como espaço de proteção, pertencimento e desenvolvimento integral, fortalecendo a parceria entre famílias e educadores. Ao perceberem que a segurança emocional é condição essencial para a aprendizagem e a autonomia, gestores, professores e familiares podem articular esforços em prol de um ambiente educativo mais estável, acolhedor e inclusivo.

Assim, a reflexão aqui proposta busca demonstrar que o vínculo não deve ser entendido como algo natural ou espontâneo, mas como um processo intencional e estruturante da prática pedagógica. É nessa base de confiança, construída diariamente entre criança e adultos, que se tornam possíveis a exploração, a descoberta e o protagonismo infantil. A formação de vínculos na Educação Infantil, portanto, não é apenas um aspecto emocional do cuidado, mas uma estratégia pedagógica e social indispensável para a construção de sujeitos confiantes, autônomos e pertencentes a uma comunidade educativa.

O VÍNCULO COMO BASE DA SEGURANÇA EMOCIONAL

A chegada do bebê ou da criança pequena à escola da infância costuma ser marcada por um grande impacto em sua vida. Em um dia, ele está em sua casa, acolhido pelos cuidados familiares, e no seguinte, quase como em um passe de mágica, encontra-se em um espaço totalmente novo, rodeado por adultos que nunca viu antes e por outras crianças que, embora parecidas consigo, ainda são desconhecidas. Esse primeiro contato com a escola pode ser vivido como um baque, já que exige do bebê a abertura para uma experiência de separação e encontro com o novo.

Esse processo de adaptação não deve ser compreendido como algo simples ou imediato, mas como um percurso que exige tempo e sensibilidade dos adultos envolvidos. A escola da infância, ao acolher a criança nesse momento delicado, precisa reconhecer a dimensão afetiva como constitutiva da experiência educativa. O bebê, que até então vivia em um ambiente predominantemente familiar, de repente precisa construir novas relações e compreender que também ali será cuidado, ouvido e respeitado.

É nesse momento que se coloca a questão central: como confiar em quem ainda não se conhece? O bebê, ao chegar à escola, traz consigo a memória de vínculos já estabelecidos com a família. Esses vínculos servem de base para que, gradualmente, ele possa ampliar sua rede de confiança, agora também com os educadores. Para que isso aconteça, é preciso que o adulto se apresente de forma sensível, constante e previsível, mostrando disponibilidade afetiva e respeito às necessidades da criança. Dalbem e Dalbosco (2005) explicam que, do comportamento de apego, que se refere a ações de uma pessoa para alcançar ou manter proximidade com outro indivíduo, claramente identificado e considerado como mais apto para lidar com o mundo (BOWLBY, 1989; CASSIDY, 1999). A função principal atribuída a esse comportamento é biológica e corresponde a uma necessidade de proteção e segurança (BOWLBY, 1973/1984). B. Golse (1998) ressalta que o comportamento de apego é instintivo, evolui ao longo do ciclo da vida, e não é herdado; o que se herda é o seu potencial ou o tipo de código genético que permite à espécie desenvolver melhores resultados adaptativos, caracterizando sua evolução e preservação. Evidências de que as crianças também se apegam a figuras abusivas sugerem que o sistema do comportamento de apego não é conduzido apenas por simples associações de prazer. Ou seja, as crianças desenvolvem o comportamento quando seus cuidadores respondem às suas necessidades fisiológicas, mas também quando não o fazem (CASSIDY, 1999).

A confiança, nesse contexto, não surge de imediato. Ela é construída no ritmo do bebê, a partir da repetição de experiências positivas: um olhar acolhedor, um colo seguro, uma palavra suave, uma rotina estável. Cada

gesto do educador comunica ao bebê que ele está em um lugar confiável, onde será cuidado e reconhecido. Aos poucos, o que antes era um estranhamento vai se transformando em vínculo, e a criança passa a sentir segurança para explorar o ambiente e interagir com os outros.

Nesse sentido, Galvão, em sua obra Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil, enfatiza que compreender a criança em seu processo psíquico exige considerar a alternância entre os aspectos afetivos e cognitivos no decorrer do seu desenvolvimento. Como afirma a autora:

"Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternamente afetiva e cognitiva. Cada fase tem um colorido próprio, uma unidade solitária, que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade. As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente" (GALVÃO, 1995, p. 43).

A reflexão de Wallon, trazida por Galvão, ajuda a compreender que a afetividade não pode ser dissociada do processo de aprendizagem e de construção de vínculos. O bebê, ao estabelecer confiança no adulto que o acolhe, encontra condições para investir cognitivamente no ambiente, pois se sente seguro para explorar e experimentar. Isso significa que o vínculo não é apenas uma necessidade emocional, mas também um motor essencial para o desenvolvimento global da criança.

Dessa forma, o papel do educador vai além de zelar pelos cuidados físicos: ele se torna mediador da segurança emocional e do pertencimento, criando condições para que o bebê se sinta reconhecido como sujeito em formação. A escola da infância, portanto, se consolida como um espaço de proteção, de trocas afetivas e de experiências significativas, nas quais a confiança construída dia a dia se torna a base para todas as demais aprendizagens.

Assim, pode-se afirmar que a segurança emocional, construída a partir dos vínculos afetivos estabelecidos nas escolas da infância, garante à criança segurança para se desenvolver com autonomia. Quando o bebê confia no adulto que o acolhe e reconhece naquele espaço um lugar seguro, ele se sente encorajado a explorar, experimentar e agir por conta própria. Essa confiança dá sustentação para que ele arrisque novos movimentos, interaja com os colegas e enfrente desafios, sabendo que encontrará suporte quando necessário.

A PREVISIBILIDADE COMO BASE DA CONFIANÇA

A previsibilidade ou se antecipar é um dos elementos centrais na construção de vínculos de confiança entre bebês, crianças pequenas e educadores na escola da infância. Para a criança que chega a esse espaço, tudo é novo: as pessoas, os sons, os cheiros, os objetos e até mesmo os momentos do dia. Essa novidade, embora possa despertar curiosidade, com certeza gera insegurança, pois rompe com a rotina familiar até então conhecida. Nesse contexto, cabe ao educador oferecer à criança uma organização clara e consistente do cotidiano, permitindo que ela saiba, ainda que de forma intuitiva, o que esperar de cada momento.

Ser para a criança uma pessoa previsível é se mostrar estável. Trata-se da possibilidade de a criança encontrar no ambiente escolar um ritmo diário que se repete e que lhe transmite segurança. Pequenos gestos, como cantar a mesma canção na hora da roda, organizar sempre da mesma forma o espaço para o almoço ou anunciar previamente o que acontecerá em seguida, ajudam o bebê a compreender que há uma ordem confiável naquele espaço. Isso possibilita que ele relaxe, diminua sua ansiedade e, aos poucos, direcione sua energia para as explorações e aprendizagens.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017, p. 36), "as experiências devem garantir às crianças a segurança necessária para que possam ampliar sua confiança e sua autonomia na interação com o mundo, com os outros e consigo mesmas". Essa afirmação demonstra que a previsibilidade não é apenas um detalhe organizacional, mas uma necessidade pedagógica. É por meio dela que a criança constrói a base de sua confiança, aprendendo que o mundo ao seu redor pode ser compreendido, que os

adultos são figuras de referência e que suas necessidades serão atendidas.
Segundo Falk (2022 p. 30)

[...]ela precisa de uma atmosfera que lhe ajude a encontrar segurança e bem-estar, um espaço não só acolhedor e caloroso, mas também estável, onde possa integrar referências que lhe ajudem a estabilizar-se, a localizar-se, a adquirir ou recuperar confiança, a desenvolver-se, a localizar-se, a adquirir ou recuperar confiança, a desenvolver-se e estruturarse. O desafio, então, não é apenas ajudar a criança a superar a separação, mas também lhe assegurar uma vida cotidiana rica.

A autora nos leva à compreensão de que a criança precisa de uma atmosfera que lhe ajude a encontrar segurança e bem-estar, um espaço não só acolhedor e caloroso, mas também estável, onde possa integrar referências que lhe ajudem a estabilizar-se, a localizar-se, a adquirir ou recuperar confiança e a estruturar-se. O desafio, então, não é apenas ajudar a criança a superar a separação, mas também lhe assegurar uma vida cotidiana rica.
Essa reflexão aponta para a importância de compreender que a previsibilidade não deve ser vista como repetição mecânica, mas como uma forma de oferecer sustentação para que a criança organize suas experiências. A repetição de rotinas, de gestos e de situações no ambiente escolar permite que ela construa expectativas positivas e desenvolva um sentimento de familiaridade. Assim, mesmo diante das mudanças e novidades que a escola apresenta, a criança encontra pontos de referência que a ajudam a se sentir segura.
No cotidiano da Educação Infantil, a previsibilidade se revela de maneira concreta: a canção que anuncia a roda de conversa, o ritual do lanche, a organização do espaço para a hora do descanso ou até a forma como o educador acolhe cada bebê ao chegar. Esses elementos, quando mantidos de forma consistente, comunicam à criança que existe uma ordem que pode ser compreendida e que sua rotina será respeitada. Esse processo reduz ansiedades, fortalece a confiança no adulto de referência e possibilita que a energia emocional seja direcionada para aprendizagens e descobertas. Ainda segundo Falk (2022)
Esta continuidade, esta estabilidade, da à criança a possibilidade de se sentir num estado de segurança afetiva que lhe permite estar aberta ao conhecimento do mundo exterior. Esta permanência e continuidade são as condições de seus desejos e aptidões para descobrir o mundo, as qualidades e as relações dos objetos e das pessoas para desenvolver ideias, noções e estabelecer recordações; para adquirir conhecimentos adequados para sua idade. (p.33)
Essa compreensão reforça que a previsibilidade é um recurso essencial para que a criança se sinta segura e, a partir desse estado, tenha condições de ampliar suas experiências cognitivas, sociais e emocionais.
Assim, ser uma escola de infância previsível se traduz em um elemento pedagógico que vai além da organização de rotinas: ela se constitui como um convite à confiança e à autonomia. Ao perceber que o ambiente escolar é estável e que suas necessidades serão atendidas de forma constante, a criança desenvolve não apenas segurança emocional, mas também a liberdade para explorar, experimentar e interagir. O educador, nesse sentido, tem o papel de garantir a continuidade das experiências sem engessá-las, equilibrando estabilidade e abertura para o novo. Dessa forma, a previsibilidade torna-se a base sobre a qual o bebê ou a criança pequena constrói a confiança necessária para se aventurar no mundo, transformando a escola da infância em um espaço de pertencimento, aprendizagem e desenvolvimento integral.
A previsibilidade, portanto, é mais do que uma estratégia pedagógica; ela constitui um eixo fundamental da construção da confiança e da segurança emocional da criança pequena. Ao vivenciar rotinas estáveis, o bebê passa a reconhecer que o ambiente escolar é um espaço onde suas necessidades serão atendidas e onde os adultos se mostram coerentes em suas ações e posturas. Isso reforça a sensação de pertencimento e de continuidade entre o que ele já conhece de sua vida familiar e o novo que se apresenta na escola. Além disso, quando o cotidiano é organizado de forma previsível, a criança en-

contra liberdade para agir com autonomia, pois sabe que tem uma base segura que lhe dará suporte em caso de necessidade. A previsibilidade, assim, não aprisiona a
criança em repetições rígidas, mas lhe oferece estrutura para explorar o mundo com confiança, arriscar novos passos e se desenvolver integralmente. É nesse equilíbrio entre segurança e abertura ao novo que a escola da infância cumpre seu papel essencial de apoiar a formação de sujeitos confiantes, curiosos e capazes de construir relações significativas.

AUTONOMIA E EXPLORAÇÃO SEGURA: A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA

A autonomia e a exploração segura acontecem de forma natural quando a criança se sente acolhida e confiante no ambiente escolar. Observa-se, no dia a dia da Educação Infantil, que após a construção de vínculos afetivos sólidos com os educadores e com os colegas, os bebês e crianças pequenas se mostram mais seguros para agir, experimentar e participar ativamente das atividades propostas. A confiança estabelecida nos momentos de cuidado, atenção e afeto possibilita que eles se expressem, explorem o ambiente e interajam de forma mais espontânea, reconhecendo a escola como um espaço de pertencimento. Rosseti- Ferreira, Mello, Vitória, Gosuen e Chaguri (1998 p. 49) explicam que,

O educador constrói uma relação com o grupo. Nesse grupo ele constrói também uma relação com cada criança em particular, pois cada um é um. Cada ação do adulto para com a criança poderá gerar uma certa reação; a mesma ação para com outra criança poderá gerar uma reação totalmente diferente.

A compreensão de que cada criança é única reforça a necessidade de um olhar sensível e individualizado por parte do educador. Ao estabelecer vínculos afetivos e proporcionar um ambiente previsível, o profissional permite que cada bebê ou criança pequena descubra seus próprios ritmos, interesses e possibilidades de ação. Essa segurança emocional, aliada à organização clara das rotinas, cria condições para que a criança explore de maneira segura, tome decisões e experimente diferentes formas de interação com os colegas e com os objetos ao seu redor. É a partir desse contexto de confiança e estabilidade que a criança desenvolve o senso de protagonismo, percebendo-se capaz de agir, resolver problemas simples e contribuir para a dinâmica do grupo.
Segundo Oliveira (2010 p. 72)

O professor deve ter bastante claro que os princípios que regem seu fazer estão diretamente relacionados com os princípios que regem seu fazer estão diretamente relacionados com os princípios de cidadania que estarão sendo construídos pelas crianças. Desta maneira, é fundamental buscar a coerência entre o ideal de formação que se quer alcançar e os procedimentos assumidos pelo docente enquanto ser individual, social, profissional e político na efetivação de seus objetivos, seus valores e seus ideais, para que possamos almejar uma sociedade mais humana, igualitária e justa, preservando, enriquecendo, valorizando e realçando o que está sociedade tem de melhor, seu potencial humano.

Quando a criança se sente segura, ela se engaja ativamente nas situações de aprendizagem, não apenas como receptora de instruções, mas como participante que observa, questiona, experimenta e transforma o espaço ao seu redor. A exploração segura permite que ela vivencie a autonomia de forma responsável: escolhe com quais brinquedos interagir, decide se quer participar de uma atividade coletiva ou individual, e aprende a lidar com frustrações e limites dentro de um contexto de cuidado. Assim, a autonomia não se restringe à ação física, mas envolve também decisões emocionais e sociais, constituindo um aprendizado integral e contínuo. Rosseti- Ferreira, Mello, Vitória, Gosuen e Chaguri ainda explicam que (1998 p. 50)
Na convivência diária, o adulto pode ser uma pessoa que transmite segurança para a criança. Alguém capaz de parar para ouvi-la, valorizar suas perguntas, suas produções, seu potencial. Alguém que seja sincero, autêntico e que respeite suas opiniões.
Dessa forma, ele se torna um parceiro com o qual ela pode contar na busca do conhe-

cimento de um mundo grande, novo e interessante.
A presença constante e previsível do educador, combinada à atenção às necessidades e interesses da criança, cria um efeito circular: quanto mais segura a criança se sente, mais ela se arrisca a explorar, e quanto mais explora, mais oportunidades de aprendizado se abrem, consolidando sua autonomia. Esse processo fortalece a autoestima, a confiança nas próprias capacidades e a habilidade de interagir de forma respeitosa e empática com os outros, evidenciando que o vínculo afetivo e a previsibilidade não são apenas instrumentos de proteção, mas ferramentas essenciais para a formação de sujeitos ativos e protagonistas de sua própria história.
Em síntese, a segurança emocional e a previsibilidade proporcionam à criança a base necessária para se tornar protagonista de sua aprendizagem e vivência social. A autonomia que se desenvolve nesse contexto permite que ela viva experiências ricas, interaja de maneira significativa com colegas e adultos, e descubra novas possibilidades de ação com confiança. Dessa forma, a escola da infância cumpre seu papel pedagógico de promover não apenas cuidados e proteção, mas também oportunidades de protagonismo, exploração e crescimento integral, mostrando que cada experiência vivida com segurança é também um passo para a construção de autonomia e desenvolvimento pleno.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou analisar a importância da construção de vínculos na Educação Infantil, compreendendo que esse processo não é apenas um aspecto relacional ou afetivo, mas uma condição essencial para que a criança se desenvolva em sua integralidade. Ao longo do estudo, evidenciou-se que o acolhimento, a previsibilidade do ambiente e a sensibilidade do educador funcionam como alicerces para que a criança se sinta segura e, a partir dessa segurança, se arrisque a explorar, aprender e se relacionar com o outro. A teoria e a prática dialogam nesse sentido, mostrando que não existe aprendizagem significativa sem que haja confiança, estabilidade emocional e pertencimento.
Além disso, ao revisitar experiências cotidianas do contexto escolar, observamos que os momentos de adaptação, de convívio coletivo e até mesmo de cuidado pessoal são atravessados pela necessidade de um adulto disponível, capaz de compreender a singularidade de cada criança. A construção de vínculos, portanto, ultrapassa a ideia de simples aproximação afetiva e se consolida como prática pedagógica intencional, pois é no vínculo que se estabelece a base para o desenvolvimento da autonomia, da autoestima e da capacidade de convivência social. Desse modo, o professor da Educação Infantil assume um papel central não apenas como transmissor de conteúdos ou organizador de espaços, mas sobretudo como mediador de relações humanas, guiado por uma ética do cuidado.
No que diz respeito aos professores ingressantes e à comunidade escolar, o estudo revela caminhos importantes de reflexão. Para o docente que inicia sua trajetória na Educação Infantil, compreender a importância do vínculo significa reconhecer que o primeiro passo do trabalho pedagógico é criar condições de segurança emocional. Esse olhar exige preparo, paciência e empatia, mas também demanda formação continuada e espaços coletivos de diálogo dentro da escola. Para a comunidade escolar, por sua vez, os achados do estudo apontam para a necessidade de corresponsabilidade: famílias, gestores e demais profissionais precisam compreender que educar crianças pequenas é um processo coletivo, no qual o vínculo se constrói também pela parceria entre escola e família, fortalecendo ainda mais a sensação de pertencimento das crianças.
Outro ponto relevante que se desdobrou desta investigação é a compreensão da autonomia como resultado da construção dos vínculos. Quando a criança percebe que é acolhida, respeitada e valorizada, ela se sente segura para explorar o ambiente, testar hipóteses, errar e recomeçar, exercendo seu protagonismo. Esse processo mostra que não existe contradição entre segurança e liberdade; ao contrário, é justamente a segurança que possibilita a liberdade de explorar e aprender. Assim, a prática pedagógica que prioriza o vínculo afasta-se de modelos au-

toritários e homogêneos e se aproxima de uma educação inclusiva, democrática e plural, na qual cada criança é reconhecida em sua singularidade.

Portanto, conclui-se que o vínculo, ao mesmo tempo em que sustenta a prática docente, também humaniza a escola, transformando-a em espaço de acolhimento, cuidado e aprendizagem significativa. A criança, nesse contexto, é reconhecida como sujeito de direitos, capaz de construir saberes e relações de forma ativa e participativa. Para os professores ingressantes, fica o convite para repensar o cotidiano escolar à luz do vínculo como prática pedagógica; e para a comunidade escolar, a reflexão sobre como fortalecer laços de confiança e cooperação que ultrapassem os muros da escola. Dessa forma, a Educação Infantil cumpre seu papel social e formativo, preparando não apenas para etapas posteriores de escolarização, mas, sobretudo, para a vida em sociedade, marcada por relações éticas, afetivas e transformadoras.

REFERENCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 2 out. 2025.

DALBEM, Juliana Xavier; DALBOSCO DELL'AGLIO, Débora. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/2290/229017444003.pdf. Acesso em: 02 out. 2025.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. Educação Infantil: muitos olhares. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Os fazeres na Educação Infantil. 12. ed. São Paulo: Cortez.